

CATULO

O advento de uma nova estética poética em Roma

Por Rafael Henrique de Matos

Introdução

Não raramente ao se ouvir falar de Catulo uma assertiva de Cícero entra em cena: “*O poetam egregium! Quamquam ab his contoribus Euphorionis contemnitur*”¹ (Ó poeta fora de série! Embora seja desprezado por esses “cantores de Euforião”). Cícero aqui expressa seu desprezo por Catulo e seus pares que se põem de lado oposto ao bom conceito de poética empregado por Ênio², assim os acusa de *neóteroi* (juvenis) e posteriormente cunhará o termo *poeta noui* (poetas modernos)³ pelo qual Catulo e seus companheiros serão conhecidos.

A partir desta invectiva de Cícero podemos compreender as questões que rondaram o fazer poético dos poeta noui, eles que em um período de transição e influenciados pela poesia helenística⁴ desfizeram os vínculos (temáticos e estilísticos) com o passado literário romano (representado principalmente por Ênio). Mas quem detém a razão neste querela de perfeição poética? Catulo ou Cícero, o moderno ou o conservador? É em busca dessa questão que analisaremos aqui o que é considerado o fazer poético (na visão de Horácio e Cícero) e como se estruturam os poemas de Catulo de acordo com tais preceitos, para que assim possamos ter uma visão mais ampla e esclarecida sobre o assunto.

O fazer poético

É através do texto *Pro Archia poeta* que podemos ter uma melhor visão sobre o que Cícero considera a boa poesia. Cícero vê em Arquias o exemplo de bom poeta, pois possuía não apenas talento literário mas também excelente caráter⁵. O encantamento por Arquias é por este escrever sobre questões que cultivam o espírito e beneficiam a coletividade⁶, assim são poemas que incitam a moralidade e honra, que ao elevar a imagem dos antigos heróis servem de exemplo às novas gerações⁷.

¹ Cícero, *Tusculanae disputationes*, III, 45

² Poeta de cunho épico que tem como obra mais renomada os *Anais* que discursam sobre a história romana, assim sendo um poeta de temas elevados em contraposição as características temáticas e estilísticas de Catulo consideradas baixas (concernentes a vida cotidiana e temas não heróicos ou mitológicos).

³ O livro de Catulo, pg. 15

⁴ O livro de Catulo, pg. 16

⁵ *Pro Archia poeta*, trecho 5

⁶ *Pro Archia poeta*, trecho 12

⁷ *Pro Archia poeta*, trecho 14

Porém no trecho 16 do texto, Cícero, admite ser também digno de homens livres o deleite poético mesmo que seja por fruição estética. E o que diz Horácio a respeito do fazer poético?

Tendo uma posição mais analítica e moderada do assunto, Horácio, anda acima de prejuízos e preconceitos. Diferentemente de Cícero (que elogia a poesia longa e “clássica”), Horácio considera positivamente o preceito da *breuitas*/brevidade (desde que não descambe em *obscuritas*/obscuridade)⁸. Também discursa Horácio a respeito da qualidade das palavras, pondo em contras as “escolas gramaticais” *Analógica* (apoiada por Cícero, indo contra a formulação de neologismos) e a *Anômala* (que admitia a introdução de novas palavras na língua)⁹. Horácio também não via problema no uso de neologismos, desde que com zelo e não em demasia, e diz ser a qualidade de um bom poeta saber diferenciar os tons/gêneros poéticos¹⁰. Ao discursar sobre os gêneros, Horácio os divide em hinos, encômios, poemas eróticos e os escólios.

Assim, ao se por em choque as assertivas de Cícero sobre o que seria a boa poesia e a análise poética de Horácio chegamos a seguinte conclusão: Cícero considera como excelente apenas as poesias elevadas que se alinham a hinos (elogio aos deuses) e encômios (celebração de personagens de altas qualidades), relegando a um segundo plano (porem não dizendo ser de todo inútil, como visto anteriormente) os poemas eróticos (em que se canta o amor) e os escólios (prazeres da mesa e vinho). Cícero também, ao ir contra os *poeta noui*, vai contra a qualidade da *breuitas* pois, considerando de melhor qualidade os poemas épicos, considera de melhor qualidade os poemas longos (não se dando conta, como Horácio diz no verso 148 de sua arte poética, que a brevidade pode ser uma boa característica até em poemas épicos, como na *Ilíada* de Homero).

Catulo e o seu fazer poético

Assim como evidenciado anteriormente as principais características da poesia de Catulo são a brevidade e um emprego anômalo das palavras (neologismos, diminutivos, vulgarismos e arcaísmos). Como nada em poesia se dá por separado podemos dizer que estas características poéticas de Catulo estão presentes em complemento à uma outra

⁸ *Arte poética*, verso 25

⁹ *Arte poética*, verso 45

¹⁰ *Arte poética*, verso 85

característica: o intento do fazer poético fora do âmbito elevado e sua aproximação à esfera coloquial da vida (tanto nas ações quanto na fala).

Catulo mesmo tendo um processo de fazer poético homogêneo, trata de temas bem variados. Entre seus poemas podemos qualificar alguns tipos de maior destaque: programáticos, ciclo delésbia, sexualidade, amor e morte e os poemas políticos.

Poema I, a proposta poética de Catulo.

No poema I temos uma espécie de condensação do que é em seu todo a poesia de Catulo: breve, coloquial, direta. Este é um poema programático¹¹, ou seja, um poema que discursa sobre o próprio projeto poético do autor, um poema que fala sobre a poesia e o seu fazer. Portanto presenciamos aqui as qualidades que Catulo considera imprescindíveis à poesia:

-- *nouum libellum* (livro novinho) → se distancia do modo tradicional do fazer poético, preza por novas qualidades. A utilização de termos em diminutivo é marca distintiva de Catulo, que os emprega não apenas nas composições mais simples, mas também nas mais elevadas (em questões temáticas). Usado como uma marca do estilo neotérico¹², o diminutivo também marca o traço de afetividade.

-- *nugas* (coisa sem importância) → ao denominar a própria poesia como uma mera “coisa” Catulo pretende dizer a qual âmbito sua poesia pertence, pertence às coisas simples e cotidianas da vida.

-- *tribus explicare cartis* (explicar em três volumes) → ao evidenciar a qualidade de Cornélio em compor apenas em três volumes uma história inteira da Itália, Catulo afirma a sua predileção pela qualidade de ser breve e claro, pois são “três volumes mui sábios...e laboriosos”

-- *quare hube tibi quicquid hae libelli qualecumque* (contigo então, leve, leva este, o que for, de livrinho) → ao pronunciar para Cornélio que leve consigo o livro, talvez Catulo esteja fazendo não apenas uma referência metafórica (levar em coração) mas também um referência física, já que à época do poeta despontava a forma escrita da poesia em detrimento da oralidade. A materialidade do livro proporcionava uma maior proximidade da platéia com a poesia, a forma escrita de propagação poética sintoniza-se perfeitamente com o ideal de Catulo, que pretende por uma poesia que viva no coração

¹¹ *A Companion to Catullus*, pg. 235

¹² *A Companion to Catullus*, pg. 198

das pessoas muito mais que na memória (esforço mental dos que apreciam a poesia oral).

Além das qualidades referidas acima também observamos nesse poema I, através da referencia e a figura de Cornélio, o tipo de audiência que Catulo almeja (despretensiosa, que aprecie a concisão) e o valor da amizade entre colegas poetas¹³.

Amor e morte

O que há de mais supérfluo e simples na vida (em relação a *grauitas*/gravidade que Cícero defende na poesia) do que o amor? Parte dos poemas de Catulo é dedicada a Lésbia, sua amada. Ao fazer de seus poemas uma espécie de diário, e relatar aos leitores suas paixões, Catulo está empregando um ar de novidade na poesia. Em seus pensamento e digressões sobre seu amor o poeta convida o leitor para *participar de sua viagem emocional*¹⁴.

Observando o poema 5 notamos a presença de algumas palavras chave: *viuamus* (vivamos), *senum seueriorum* (velhos mais severos), *breuis lux* (breve luz). Fazendo uma interpretação própria, a partir das qualidades dos *poeta noui* e de Catulo, julgo aqui estar o poeta fazendo uma assertiva sobre quais temas lhe convém. O amor lhe convém como tema, e não importa a opinião dos tradicionalistas em relação ao seu fazer poético, pois curta é a vida e se deve aproveitá-la de forma gozosa, amando.

Em Catulo a relação entre amor e morte se encontra, por vezes, bem próxima. No poema 68 temos os lamentos do poeta pela perda de seu irmão amado. E aqui poderíamos nos perguntar, tendo Cícero em mente, se elevada não é esta poesia de Catulo? O que há de mais elevado do que honrar os mortos, quão honrada e nobre não é a tarefa de fazer viver nos versos a imagem de um homem bom (mesmo que não seja figura publica)? Também presenciemos aqui as referências e alusões aos deuses e à textos míticos (Ilíada), assim o poeta que é acusado erroneamente de desprezar a tradição se mostra um propagador da mesma, porém apenas utilizando-a de forma diversa, de acordo com os novos modos de fazer poético (tema e estrutura).

¹³ *A Companion to Catullus*, pg. 236

¹⁴ *A Companion to Catullus*, pg. 255

Sexualidade

Levaremos em conta agora os poemas 6 e 16 para ver de que formas diversas o poeta se usa da esfera sexual em sua poesia.

No poema 6 Catulo convida Flavio a discursar sobre suas aventuras sexuais, a falar sobre a “puta” com a qual ele esta envolvido amorosamente e não omitir nenhum detalhe sórdido sobre o desenrolar do ato sexual. Até o verso 14 do poema parece haver um rebaixamento de Flavio e seus atos sexuais, já que nos cerca uma impressão de ataque, por parte de Catulo ao seu interlocutor, ressaltando o senso vexatório da situação ao explicitar a vergonha de Flavio em relatar o ato deselegante e evidenciar a parceira *puta*.

Porém os três últimos versos nos mostram a real intenção do amor, a real intenção poética de Catulo. Nosso poeta não é um pudico, ele não julga qualquer que seja o ato amoroso, ele apenas julga o amor como digno de ser elevado pela força de seus versos aos patamares mais elevados que puder alcançar. Ao dizer “*uolo te ae tuos amores ad caelum lépido uocare versu*”(a ti e teus amores erguer com meu ligeiro verso) o poeta associa o seu próprio novo modo de fazer poesia (ligeira, brevidade, leveza) com uma nova visão temática sobre antigos assuntos (tratar temas baixos de forma elevada).

Se no poema 6 Catulo nos conta como trata a sexualidade em relação aos novos tempos, no poema 16 ele defende a si a sua poesia do ataque daqueles que julgam por baixo seu modo de encarar a temática sexual. Novamente aqui, Catulo, evidencia a qualificação da brevidade de sua poesia (*uersiculis*) que também pode estar sob ataque. Usando a sexualidade também na esfera invectiva, o poeta ataca a virilidade de Aurélio e Fúrio, que atacaram a virilidade do próprio poeta. Vemos então que a sexualidade é usada por Catulo não só para exaltar a qualidade de qualquer tipo de amor (bom ou mau), mas também para atacar os pudicos (que podem ainda ter uma visão tradicionalista da poesia).

Poemas políticos

Outra faceta de Catulo é o uso de seu caráter invectivo para a discussão de aspectos morais da sociedade romana. Em seus versos o poeta não apresenta de todo alguma

ideologia política afirmada, mas sim um desgosto de modo geral por política¹⁵, apresentando certas críticas em relação à sociedade romana. O que veremos nos poemas analisados a seguir é a utilização de figuras públicas romanas para o ato vexatório, a utilização da culpa presente em figuras exemplares¹⁶ como forma de invectiva à imoralidade social.

Se ao falar de poesia elevada, no discurso *Pro Archias*, Cícero diz ser de importância que bons homens (cidadãos) se formem através de bons exemplos morais, nos poemas 39 e 57 Catulo apóia tal ponto de vista, mas dando exemplos de imoralidade e mau comportamento político através de invectivas e sátiras.

No poema 39 o alvo do poeta é Egnacio, provavelmente um figura política já que aparece aqui relacionado à esfera de atividades públicas (tribunais e enterros). Egnacio é atacado por apresentar uma postura errônea em suas participações públicas, ao invés de desenvolver um tom grave, Egnacio é acusado de “rir” em tudo o que faz, parecendo-nos que a invectiva é em relação à leviandade do comportamento de Egnacio. Assim para vituperar esta figura, Catulo realiza uma sátira, dizendo que se Egnacio se ri muito é por costume de suas origens que quanto mais mijo bebem (para limpar os dentes) mais tem vontade de rir para mostrar sua branquidão. O que podemos retirar da figura de Egnacio também é a imagem da falsidade, pois por de trás de seus dentes brancos há o aspecto pútrido do mijo.

Já no poema 57 temos a presença de duas figuras ilustres, César e Mamurra (um militar as ordens do imperador César), que são tomados aqui como figuras de exemplo inverso. Aqui a imoralidade é demonstrada pelo caráter homossexual entre César e seu comandado, o poema nos dá a entender que os dois mantêm uma relação amorosa onde Mamurra é o passivo. Além do mais os diminutivos que aparecem durante o texto (iguazinhas, pedantinhos, gemeozinhos,...) conferem um tom de zombaria ao poema.

Percebemos então que de um mesmo modo que Catulo adota o que é de temática baixa para elevação, ele toma o que é de temática alta (figuras exemplares) para rebaixamento, utilizando-se de suas já conhecidas características de satirização e referências à esfera sexual da vida (usando o sexo como forma de ataque em meio a uma sociedade pudica e mascarada).

¹⁵ *A Companion to Catullus*, pg. 333

¹⁶ *A Companion to Catullus*, pg. 335

Conclusão

Depois de uma breve análise dos preceitos poéticos de Cícero, Catulo e Horácio vemos que toda a aversão que Cícero tem em relação a Catulo é apenas uma rixa entre gerações poéticas diferentes. Diferença, é apenas isto que existe entre a visão do conservador e do *poeta noui*, estes fazem parte de esferas poéticas diferentes porém partilham de uma mesma base cultural. Não é justo pois, Cícero rebaixar a poesia de Catulo, mesmo se distanciando da “perfeição” de Enio nosso poeta conquistou seu espaço ao discursar de forma nova (novas palavras, diminutivos, vulgarismos) sobre novos assuntos e também de forma original sobre velhos assuntos (ironia em relação aos mitos e heróis). Foi elevado Catulo em seu fazer poético ao elevar o baixo (o amor carnal) e rebaixar o elevado (nas invectivas as figuras políticas, em busca da moralidade).

Bibliografia

- *O livro de Catulo* – tradução, introdução e notas de João Angelo Oliva Neto ; São Paulo, Edusp, 1996
- *Arte Poética* – Horácio ; introdução, tradução e comentário de R.M. Rosado Fernandes; Lisboa, Editorial Inquérito, 1984
- *Em defesa do Poeta Arquias* – introdução, tradução e notas de Maria Isabel R. Gonçalves; Lisboa, Editorial Inquérito, 1986
- *A companion to Catullus* – eddited by Marylin B. Skinner; Oxford, Blackwell Publishing, 2007
- *Tusculanes Disputationes* – Cicero